



## MATERNIDADE & CARREIRA

# As múltiplas jornadas de quem cuida

Diante da sobrecarga e da invisibilidade das mães no mercado de trabalho, especialistas defendem mudanças estruturais nas empresas, no Estado e na cultura do cuidado para garantir equidade

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

» MARINA RODRIGUES

Servidora da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) e biomédica acupunturista, Ariane dos Santos Vicentim, 39 anos, trabalhou durante anos em jornada dupla, com mais de 60 horas semanais. “Não caberia um filho ali naquele momento”, lembra. Após se casar e decidir ser mãe, deixou o cargo em empresa particular, que ocupava há nove anos, mantendo a carga horária reduzida de 20 horas na rede pública, onde tinha contato com radiação ionizante — área insalubre para gestantes.

Assim que comunicou a gravidez, foi transferida para o teletrabalho. Na época, Ariane vivia com Kalyne, enteada e filha do coração, que hoje tem 23 anos. A nova bebê, Clarice, hoje com 9 anos, nasceu prematura e com alergia à proteína do leite de vaca. Por estar no serviço público, conseguiu unir licença, abonos, férias e licença premium. “Clarice ficou na UTI por um tempo, depois passou por várias fases. Fiquei quase 10 meses em casa acompanhando o desenvolvimento dela. Não tenho do que reclamar. Mas sei que essa não é a realidade das minhas amigas (no setor privado), que com quatro meses tinham que voltar ao trabalho.”

Anos depois, Ariane teve Elis, sua filha caçula de 3 anos, e enfrentou mais uma gestação de risco, tendo que tomar anticoagulante durante toda o período. A bebê nasceu bem, mas apresentou atraso no desenvolvimento motor, exigindo acompanhamento médico. “Eu já estava começando a empreender na área da



**Ariane, Clarice (branco), Elis (verde) e Kalyne (enteada): saga para conciliar carreira e filhas**

acupuntura, mas não consegui administrar tudo. Fiquei dois anos só na Secretaria de Saúde, levando ela nas terapias, na escola precoce, no que precisava.”

Após a alta da neuropediatra, Ariane decidiu retomar seu sonho. Há um ano, voltou a empreender e hoje concilia os atendimentos com o serviço público. “Tive que colocar as meninas no integral.

Fiquei com peso na consciência, como se estivesse terceirizando a minha função de mãe”. Ao mesmo tempo, ela diz ter se sentido feliz por poder se dedicar ao que ama: “Trabalhei muito, cheguei a fazer atendimento das sete da manhã às sete da noite e voltei para casa muito feliz, porque, apesar do cansaço, era o que eu queria.”

A trajetória de Ariane, mesmo

com rede de apoio do marido e dos pais, reflete a de milhares de mulheres que conciliam o trabalho de cuidado em casa com o desejo ou a necessidade de se desenvolver profissionalmente, deixando-as mais expostas à informalidade e à baixa remuneração. Segundo Margareth Goldenberg, gestora-executiva do Movimento Mulher 360, voltado para o

empoderamento econômico feminino, esse fenômeno é chamado “penalidade materna”. “Estudos indicam que ser mãe reduz as chances de inserção e permanência no mercado de trabalho. A penalidade é mais intensa no primeiro ano após o nascimento da criança, chegando a 27%, e persiste por até 10 anos”, explica a especialista.

### Rede de apoio

Na construção civil, Alvalina Maria de Oliveira, 42 anos, lida com os desafios da maternidade em meio à rotina intensa do canteiro de obras. Moradora do Itapoã, ela começou a carreira após se mudar do interior de Goiás e concluir o curso técnico em segurança do trabalho em Brasília. O estágio na área, em 2007, foi seu primeiro contato com a prática, e também o início da carreira na Conbral, empresa de construção onde trabalha até hoje.

“Quando cheguei à capital, eu trabalhava como balconista numa panificadora. Tive a sorte de ser indicada para o estágio na minha área, e logo surgiu uma vaga, então agarrei a oportunidade”, lembra. No momento, Alvalina é responsável por treinamentos de segurança, acompanhamento de exames ocupacionais, distribuição e fiscalização do uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), e análise e permissão de trabalho em áreas de risco. “A gente tem que andar na frente, prevenir acidentes, fazer com que todos executem suas funções com segurança.”

Mãe de Laura, 8 anos, e de Miguel, com 10 meses, ela conta que a ausência de creches públicas no bairro onde mora dificultou